ANNO 6.º — Sexta-feira, 26 de Setembro de 1913 — NUMERO 290

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . 2$50
Avulso $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
—(*)—
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA
Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

A proposito do problema da emigração

Não devia ser preciso que antes de entrar nêste assunto propriamente dito, eu recorde que milito activamente nas falanges republicanas ha uma bôa duzia de anos; que fui um dos organisadores do partido republicano em Ermezinde com Maia Aguiar, José Maria de Matos, Vicente Moutitinho e Amadeu Vilar; que com este ultimo sustentei, primeiro na *Voz Pública* e depois no *Norte* uma campanha violenta contra o abade Paulo Antonio Antunes, celebre galopim progressista que nos guerreava a organisação partidária—hoje refugiado em terras de Santa Cruz, depois de ter feito parte das hostes de Couceiro e que com o pequeno grupo democratico e auxiliado pelo inditoso e entusiastico republicano que foi Augusto Brito, sustentámos na urna de Alfena, em 28 de agosto, a 38 dias apenas da proclamação da Republica, a candidatura de Marinha de Campos.

Nêste tempo, porém, de intolerancia e desfaçatez, de papistas mais papistas que o pápa, em que o velho partido republica, o partido republicano historico, tem posto de parte antigos e valiosos elementos do tempo da oposição, para admitir nas suas fileiras conhecidos e reconhecidos franquistas e proselitos do *homem das perdizes*; nêste tempo de balofas exterioridades, eu tenho de fazer estas afirmações para dizer que leio o *Dia*, que aprecio os artigos de D. Luiz de Castro, antigo ministro da monarquia, no *Diario de Noticias* onde colho muito substanciosa leitura, da mesma fórma que lendo Strauss, Renan, Max Nordau, Haeckel, Heliodoro Salgado e outros, encontro tambem ótimas coisas nos livros de Sena Freitas.

Posto isto é ao *Diario de Noticias* e a proposito de um impresso que ha dias me entregaram em Espinho, que vou buscar o tema do meu artigo de hoje—A emigração.

Deixou-me impressionado o ultimo artigo que sobre esta gràve questão publicou o conhecido diario de Lisboa, subscrito por aquêle antigo estadista, artigo donde exalta como ponto de vista principal o movimento crescente dêste exodo apavorador, que ameaça já, não sò a economia mas a propria defêsa nacional, segundo palavras do actual ministério da guerra ao redator de um outro jornal que ha pouco o entrevistou.

As estatisticas da emigração, tão completas até ha pouco e com tanta regularidade fornecidas aos jornaes, deixaram de o ser no corrente ano e este facto vem ainda dizer eloquentemente que a emigração continua a subir e que o govêrno não querendo dar a conhecer os seus numeros assustadores, tenta ocultal-os pela captação das estatisticas.

Inutil erro. O silencio que sobre a emigração tenta fazer-se, produz peor efeito do que o seu conhecimento absoluto. O segredo guardado dá sempre a ideia de que é uma catastrofe de que se trata, pois só nos grandes desastres se procura ocultar toda a horrorosa verdade, para dar tempo de preparar-se a opinião publica.

Em vez de ocultar o que se passa remedeie-se o mal, cortando-se já processos que os agentes da emigração utilisam para arrebanhar incautos com que atulham os porões dos negros transatlanticos.

São processos de suborno para que a lei tem alçada, são sistemas de *conto do vigario* que a mesma lei pune, mas que êsses esclavagistas de nova especie usam sem que ninguem os importune, apezar de todos os dias se dizer que é preciso pôr cobro aos seus abusos, de todos os dias se gastarem colunas de jornais a pedir providencias contra éssa gente que apelidam de tudo—de falta de sentimentos, de ausencia de escrupulos, mas que continua, sem ser incomodada, a organisar as levas dêsses desgraçados a quem prometem um novo El-Dorado, para o que é preciso largar antes da partida tudo quanto tenham.

E esses agentes aproveitam todas as ocasiões de fazer a sua propaganda tão anti-patriotica quanto ganânciosa.

Encontrei-me casualmente junto dum distribuidor de prospectos que afanosamente entregava a toda a gente, por ocasião da festa da Ajuda, em Espinho, uma folha volante, encimada com o titulo, a letras grossas—*Mala Real do Pacifico*—e transcrevendo na integra uma carta de um passageiro de 3.ª classe para uma pessoa de familia que na Patria deixára.

Segue-se em frase mais ou menos campanuda o reclame das excelencias dos vapores, com andamento, refeições; etc.

Li a carta com toda a atenção, e déla me ficou a noção de que ou é inteiramente apocrifa, apezar de dizer que o original se encontra no escritorio dos agentes, ou foi propositalmente escrita a pedido dos mesmos agentes.

Escrita por um emigrante a sua mulher, desde as suas primeiras linhas até ás ultimas, éla é inteira e exclusivamente um reclame á companhia!

Este homem que, como bom português, tem todo o seu coração ligado ao lar que deixou e onde estão a sua companheira e os seus filhos, escreve uma carta á esposa, em que apenas lhe fala do vapor em que seguiu, do tratamento, do serviço—*que não dá logar a reclamações (!)*—das comodidades, da *cordura* dos oficiaes, e do pessoal—*que merece especial referencia*—(textual; até parece anuncio para o *Noticias*) e do andamento do navio! Até do andamento o pobre passageiro de 3.ª se ocupa, nada perguntando dos filhos, nada dizendo para êles!

Ora em toda a parte se escreveria uma carta assim, menos em Portugal.

Regra geral, o português prima pelos dotes afectivos que o ligam á familia e ao torrão natal e a primeira carta que escrevesse á familia seria cheia das suas lagrimas, das suas saudades pelos seus e por quantos, amigos e apenas conhecidos, deixou no logarejo em que vivia.

Um documento como o que no prospeto se transcreve não é uma carta de um pae para a esposa querida—como êle a trata—junto da qual deixou verdadeiros pedaços da sua alma—os filhos.

Tal documento seria um calhau angular que o chefe da familia lhe atiraria e cujas arestas iriam ferir em pleno peito os sentimentos de amor da mulher abandonada e o sentimento filial das pobres creanças que, anciosas por lerem, quentes ainda, as palavras de ternura, de amarga saudade, de amor paternal, do marido e pae ausente, de quem ha 30 ou 40 longos dias não tinham noticias, recebem a descrição completa e minuciosa do paquete, com a *cordura* do pessoal e o *andamenio*—até o andamento!—do navio.

Ora isto é uma exploração torpe e tanto mais revoltante quanto lança mão, para conseguir os seus fins lucrativos, dos sentimentos sacratissimos do amor paternal, dos sentimentos mais caros do coração do homem; o amor da esposa e o amor dos filhos. E é a isto que urge pôr côbro.

Tal carta deve ser uma completa mentira, forjada no escritorio da agencia, ou comprada a qualquer foragido que se limitou a copiar o texto apresentado e a receber a respectiva esportula.

Impessam-se, reprimam-se, castiguem-se rigorosamente os agentes que usam tais processos de ludibrio e a emigração deminuirá sensivelmente em pouco tempo.

Humberto Beça

FILMS...

Bombistas

Numa farmacia da capital rebentou ha dias uma bomba, que estava sendo preparada pelo dono do estabelecimento a quem levou os queixos.

Vê-se que o homem não sabia fazer senão pilulas a avaliar pelas consequencias desastrosas da sua imprudencia.

Ninguem o mandou ser tolo. Arriscar a vida por uma causa que não tem razão de ser, é sempre máu e de efeitos péssimos. Nós lamentâmos o desastre, mas nenhuma comiseração temos pelo farmaceutico Costa cuja falta de patriotismo se tornou manifesta.

Para Salamanca

Lê-se no *orgão dos taberneiros:*

«Afim de assistirem ás touradas que se realisaram naquéla cidade hespanhola, partiram na semana passada désta cidade os srs. drs. Jaime Duarte Silva e filha, Antonio Duarte Silva, Cherubim do Vale Guimarães, Ricardo Pereira Campos e Alberto Souto, digno deputado da nação.»

E viva a fraternidade!...

Coisas da egreja

O *Universal*, folha católica que se publica em Lisboa todas as semanas, traz, no ultimo numero, ésta local a que achámos imensa pilhéria:

«E' com a maior alegria e consolação que dâmos aos nossos leitores a agradavel noticia de que, felizmente, teve éco por este Portugal fóra o excelente alvitre do nosso prezado colléga de Vizeu, a *Revista Católica*.

O cléro e os católicos, mostram mais uma vez quanto é grande o seu amôr a Jesus Cristo e á Virgem Santissima Nossa Mãe.

Segundo lêmos na *Revista Católica*, em Estarreja, Bodelhão, Paço de Vinhaes, Alboim (Amarante), Tendaes, Paramos, etc., etc., celebraram-se já imponentes desagravos pelos ultrages, vilipendios e afrontas que teem sido dirigidos ao nosso Redentor e a Maria Santissima.

Oxalá os parocos e católicos sigam o nobre exemplo dos seus colégas das povoações a que acima nos referimos e que a juventude católica portuguêsa tambem levante o grito de álerta, promovendo manifestações de piedade religiosa.

A'vante, pois, por Jesus!»

O que vale é que os desagrávos dos católicos são inofensivos quando apenas se traduzem em résas. Mas ainda assim muito gostávamos de saber em que consistem os taes *ultrages, vilipendios e afrontas que tem sido dirigidos ao nosso Redentor e a Maria Santissima.*

Cá por causa dumas duvidas...

Quem déra!

Recomenda-nos o mesmo jornal uma ida a Lourdes para nos certificarmos da veracidade das curas milagrosas que lá se opéram visto só acreditarmos na ciencia e portanto nos homens que a cultivam, aplicando-a depois.

Quem déra! Era sinal de que não nos faltáva dinheiro e teriâmos ocasião de conhecer mais outra camada de charlatães de diferentes categorías e ainda por cima milagreiros... em nome da Virgem...

A restauração

Anunciou-se que no dia 20 ou 21 dêste mez teriâmos sarrafusca motivada pela tropa fandanga de Couceiro. Passaram se, porém, esses dias e nada. Nem os *paivantes* entraram nem os prosélitos do rei deposto, cá dentro, se acharam com forças de sair.

Compreende-se—não quizéram perturbar o moço interrompendo-lhe a lua de mel...

Uma receita

Trasladâmos dum jornal de Lisboa, que dia a dia as vem publicando:

«*Nodoas de vinho na roupa.*—Fazem-se desaparecer rapidamente esfregando as nodoas com leite quente. Lavam-se depois com agua fria.»

Nada mais simples. Simples e proveitoso principalmente para aquéla pessoa que nós sabemos—o *Bébes*.

A «SOBERANIA»

Por acharmos mais conveniente deixal-o acabar, ainda hoje não respondemos ao velho orgão dos srs. Mélos, de Agueda—*Soberania do Povo*—que sobre a sua orientação politica se tem dignado fazer várias divagações depois dos artigos contraditorios aqui transcritos.

Diga, pois, tudo a *Soberania*, mas não se esqueça nunca de que **aderiu** *sincéra e desinteressadamente* á Republica.

Esse é o ponto principal.

A tempo

O sr. Tomé de Barros Queiroz foi um dia dêstes ao Porto fazer uma conferencia citando no decorrer déla vários esbanjamentos da monarquia e em especial um referente a uma missão diplomatica com a qual bastante lucrou determinado individuo de quem, contudo, têve a generosidade de não citar o nome.

O sr. conde de Lagoaça, porém, sentiu-se naturalmente visado e eis que, escrevendo ao *Dia*, defensor de todas as *escroqueries* e ladroeiras dos correligionários, lhe afirma com inaudito desplante isto que da sua carta transcrevemos:

E' absolutamente falso que qualquer ministro da corôa, fôsse êle quem fôsse, me tivésse pago qualquer conta no Hotel Bragança, *sendo, portanto, impossivel a existencia de qualquer documento que a isso aluda, pelo menos com o meu nome; e desafio quem quer que seja a que me prove o contrario. Quanto aos tais três contos de Nice, embora eu não visse a proposito disso referencias ao meu nome, aproveito a ocasião para afirmar tambem muito categoricamente que tal facto não se passou comigo.*

A' vista disto, o sr. Barros Queiroz, que é um homem de brios, veio tambem á estacada e sem mais cerimonias estampa na *Lucta* estes eloquentissimos documentos, que dizem tudo:

Hotel du Parc & Grand Hotel Vichy, le 12 juillet

Ex.mo Sr. e meu presado amigo

Ha bastante tempo já que eu tinha pedido ao Matoso para me mandar abonar, a proposito do congresso da Paz em Vienna, a mesma quantia que, para identico fim, eu tinha recebido no ano passado, isto é, 20:500 francos. No mês passado recebi em Paris uma ordem de 100 libras e, mostrando eu a minha surpreza, disse-me o Carrilho que isso era devido a estarmos no fim do ano economico, mas que mais tarde alguma coisa se havia de arranjar. Em vista disto escrevi hoje ao Matoso a lembrar-lhe o meu pedido e peço desculpa de vir tambem incomodar v. ex.ª pedindo-lhe que me auxilie nêste caso. O ministro ás vezes não se lembra, tem muitas coisas em que pensar e muitas vezes deixa de fazer certa coisa se não tivér alguem ao lado que lhas sugira. E' por isso que eu tomo a liberdade de lhe escrever, fiado na sua muita amabilidade, para que faça lembrado junto do Matoso o meu pedido, e que, no caso dêle o deferir, v. ex.ª faça seguir o negocio por toda a semana que entra. No caso ainda de deferimento, eu desejava pagar um conto ao Victor Sassetti (dono do Hotel Bragança), *e para evitar trabalho e perda de tempo, se v. ex.ª podésse fazer isso directamente com êle muito me obsequiava. Outro favor pedia a v. ex.ª: era que me mandasse uma palavrinha a dizer-me o que ha. Pedindo desculpa de tanta massada e agradecendo desde já todo o incomodo que lhe vou dar, sou com a maior consideração*

De v. ex.ª amigo v. e ob.º

C. de Lagoaça.

Despacho do ministro Matoso dos Santos

Fica autorisada a direcção geral da tesouraria a abonar ao conde de Lagoaça a quantia de dez mil francos e a Victor Sassetti, por conta e ordem do mesmo titular, a quantia de um conto pela ajuda de custo da comissão de que se acha incumbido.

Paço, 23 de julho de 1902—F. Matoso Santos.

Nota da repartição

Escriturado em 30 de julho de 1902 no capitulo 3.º, art. 20.º Juros por diversas transacções de tesouraria.—Biscaia.

O sr. conde de Lagoaça, como se vê, perdeu uma magnifica ocasião de estar calado. Mas em todo o caso foi bom que enterrasse a carapuça sem o que ainda hoje lhe não conheceriamos as prendas...

TORPEDEIROS

—(*)—

Entraram na quarta-feira a nossa barra indo ancorar em frente á praia de S. Jacinto, três torpedeiros da marinha de guerra portuguêsa que em viagem de estudo ha dias saíram de Lisboa.

Pouco se devem demorar se é que ainda não levantáram ferro.

Caso típico

Contemol-o todo, que vale bem a pena; e todo êle não é grande senão pelo significado.

Aqui ha dias, um amigo nosso e do nosso querido amigo Beja da Silva entregou a este, na nossa presença, meia folhe de papel selado, explicando: é o atestado da câmara.

O sr. Beja da Silva passou rapidamente os olhos pelo papel e logo comentou aborrecido:

«Que mau sestro o dêste homem!»

O comentário espicaçou-nos a curiosidade; e o sr. Beja da Silva, percebendo-o, désta sorte nos esclareceu:

—E' interessantissimo este documento que acabo de receber; e tão interessante e tão curioso que, em outras mãos, poría o escrivão da câmara de Aveiro, sem mais demora, sob o pêso do regulamento disciplinar dos funccionários públicos.

—?!

—E' tal como lhes digo. Nêste documento oficial, o escrivão da câmara desmente-me conscientemente falseando a verdade; e produz éssa enorme babozeira como que em nome da câmara! Vejam os meus amigos isto: dum lado requeiro eu á câmara, na qualidade de administrador efectivo, que sou, dêste concelho, atestado de comportamento; do outro lado está êste escrito com pretenções a atestado, em que o escrivão da câmara começa por dizer que eu não sou aquilo que digo ser—é espantoso de audacia!—e termina por declarar que a câmara atestou ser bom o meu comportamento.

Não ha mixordia mais compléta!

Estão vocês a vêr e toda a gente vê que êste pseudo atestado de bom comportamento não é mais que um atestado de comportamento... ultra-péssimo, com a agravante, para quem o redigiu, de ter sido deturpada a intenção da câmara, que é demasiadamente séria para ter deliberado uma monstruosidade de tal quilate, monstruosidade aliás já inconcebivel pelo claro despacho do presidente. Mas, emfim, mais uma vez na vida terei gésto largo fazendo o sacrificio de ir falar ao homem e explicar-lhe quanto foi vesga e inábil a sua *obra* e que, consequentemente, seja mais avaro na distribuição da peçonha recolhendo a lançada no documento e reparando a falsidade sem a retumbancia que eu podia e devia preparar-lhe.

* * *

E nisto nos ficámos então, não tornando a tocar no assunto.

Na quinta-feira, porém, 11 do corrente, aí pela tardinha e já depois da sessão da câmara, chegou-nos ao conhecimento que o caso se complicára; e, sem perda de tempo, fômos ao encontro do nosso amigo Beja da Silva a qnem de chófre e, verdade, verdade, com uma grande dóse de ironía, perguntámos:

—Então o tal gesto largo deu resultado?

—Você, diz-nos o nosso entrevistado, é sempre o mesmo descrente, e olhe que ás vezes tem razão. Mas que quer? Nésta idade já se não é suscétivel de grandes modificações, posto que o imortal Camilo deixasse escrito algures que a gente se transfórma de 10 em 10 anos, e tão complétamente que sem sensivel esforço nos podemos esquecer do que fômos e do que fizémos 10 anos antes...

—Será assim, será, atalhâmos

sorrindo, mas, tenha paciencia, não deixe passar sequer 10 minutos sem nos contar o episódio do atestado que tão vivamente nos está a interessar.

—De modo que temos entrevista?

=Exatamente, posto que seja já impossivel, pelo adiantado da hora, publicál-a no numero do jornal a saír.

—Julguei que ia dizer-me: posto que o caso não mereça tanto incomodo. E em bôa verdade não merece, a não ser... como medida preventiva. De resto, meu caro amigo, eu estou de pé no estribo para seguir viagem, e, portanto, só muito de fugida lhe posso fornecer, sem *figuras*, a historia do *acontecimento* que positivamente não dá brilho ao autor da *peça*. Nêstes termos, aí vae:—Como se deve lembrar eu dispuz-me a remediar aquêle tremendissimo dispautério pór uma fórma... paternal (chamêmos-lhe assim que não ficâmos longe da verdade) e néssa disposição fui-me até á secretaría da câmara para expôr o caso ao respectivo escrivão posto que, como sabe, não tenha com tal senhor relações de qualquer espécie. E fui, com evidente sacrificio, para dizer-lhe isto:—«senhor escrivão da câmara de Aveiro: êste certificado, ou o que queiram chamar-lhe, saído désta secretaría e coado pelas suas mãos, não póde satisfazer-me principalmente porque não traduz a verdade, o que é gràve. Eu fiz êste requerimento arrogando-me o titulo legitimo de administrador efectivo dêste concelho, que sou por decréto de 11 de Abril de 1911 e donde só posso ser exonerado por outro decréto referendado pela entidade competente, que é o ministro do Interior; o senhor certificou contrariamente àquéla verdade e eu não posso nem devo transigir. Acresce ainda que quem certifica reporta-se a algum ou alguns documentos oficiaes; e porque não ha nem póde haver quaesquer documentos donde conste que eu não sou o administrador efectivo dêste concelho, antes muito pelo contrário, resulta que o senhor certificou inventando o que mais agradava ao seu paladar. Emende *isso* e emende-se.» Claro que dispondo-me a dizer-lhe apenas isto, fazia-o na persuasão de que o escrivão da câmara sería suficientemente perspicaz para logo vêr bem nítido o abismo por que enveredára e donde a todo o transe devia procurar safar-se. Demais, naquêle pouco que tencionava dizer-lhe ficava bem transparente que eu lhe advinhára a intenção e o proposito de lesar injusta e ilegalmente alguem, cujo alguem era eu que pelo meu comportamento tenho mantido até hoje um profundissimo respeito. Mas o senhor escrivão da câmara não fôra á sua secretaría; estava ausente e, ao que me constou, já ha dias. Sem embargo, persistí na minha intenção e entendi-me com um amanuense, o sr. Silva se não estou em erro, que por sinal me deu a impressão de ser um funcionário muito zeloso e corréto, a quem disse ao que ia, clara mas parcimoniosamente. Replicou-me o sr. Silva que na verdade era eu o administrador efectivo do conselho, que toda a gente o sabia, mas que aquéla errada redacção do certificado devería talvez atribuir-se a equivoco do sr. escrivão que o redigiu; que êle não estava presente mas que lhe mandaría o documento com a emenda que eu julgasse conveniente para o sr. escrivão rubricar. Observei então ao sr. Silva que de facto não pudéra haver equivoco visto como primeiro que tudo não tinha o sr. escrivão que fazer aquéla referencia; e depois, a permitir-se a liberdade condenável de a fazer, tinha de ponderál-a pois que ia desmentir o requerente e, se me passasse despercebido o *equivoco*, ao chegar o documento assim ás instancias superiores, de duas uma: ou me diplomariam de estupido por não ter velado cuidadosamente pelo que me devia ser tão caro ou fariam côro com o escrivão da câmara chamando-me usurpador, para não empregar o qualificativo mais apropriado. Mais lhe disse que, todavía, muito apreciava a sua lealdade para com o chefe da repartição a quem deverría informar que a melhor maneira de emendar *aquilo* sería inutilisar tudo, que com emendas nunca ficaria um documento á altura da seriedade que o assunto reclamava; mas que, emfim, substituindo a frase *que foi administrador* por *que é administrador* resultaría um documento verdadeiro, ainda que gougórico. Assentámos nisto; e, agradecendo as atenções do sr. Silva, despedi-me com a promêssa de voltar no dia seguinte—ontem—para recolher o documento devidamente corrigido.

—E no dia seguinte, inquirimos com anciedade, o escrivão estava na sua secretaría para lhe dar algumas explicações?

—Aí, meu caro amigo, que desilusão, que tristêsa e que... aborrecimento—para lhe não chamar outra coisa — experimentei nêsse tal dia seguinte.

O escrivão estava lá na secretaría, estava, mas... em papel, numa carta embebida em odio distilado que escreveu ao amanuense, sr. Silva, e que por êste me foi lida ou, mais propriamente, soletrada, que ao pé daquélas garatujas quasi não ha paleógrafo que valha. Néssa carta o sr. escrivão persistia quichotêscamente nos delitos, agravando-os, e devolvia o documento com a emenda não rubricada declarando que nunca a rubricaría! O sr. Silva, magoado talvez com tão idiota caturrice, nem palavras já tinha para desculpar o chefe da secretaría. Creio que estavamos ambos assombrados com tanto arrojo e tanta inépcia.

A' situação abafadiça era, porém, preciso pôr termo e só havia um caminho pelo qual aliás deverría ter começado se eu tivésse devidamente atentado no significativo sorriso com que você recebeu o meu proposito de gésto largo...

—Pois é claro que a pedra não se brita a dedos de luva...

—Emfim, meu caro amigo, no pé em que estava a questão já não havia terapeutica caseira proficua; entreguei o caso então, e só então, ao austéro chefe do distrito que tão solicitamente providenciou que hoje, por volta do meio dia, encontrando-me no Govêrno Civil com o ilustre presidente da câmara, dr. Luiz Guimarães, teve êle a amabilidade de dizer-me que estava tudo resolvido ao mesmo tempo que me fazia entrega do tal documento com a *emenda rubricada pelo escrivão*, explicando ainda que este funcionário da câmara lhe quizéra provar não ter em toda a historia obedecido a ruins propositos. Claro que não concordei com as pretensas provas e acrescentei que, apesar de emendado, o documento não estava á altura de ser baralhado com outros documentos sérios, tanto mais que eu requerera á câmara da sua digna presidencia atestado de comportamento o qual, salvo melhor opinião, devería ser passado e assinádo pelos vereadores presentes e não, como o primitivo, redigido e assinádo por um serventuário da câmara, que, podendo ter competencia para muito, era incompetente para atestar sobre o meu comportamento; e que em taes termos de novo iria requerer.

Efectivamente, daí a pouco fui apresentar em sessão um novo requerimento, perfeitamente identico ao primeiro, no verso do qual a câmara atestou e assinou produzindo désta sorte um documento compléto. E eis tudo.

—Mas então ficou com dois atestados?

—Não é bem assim. O atestado da câmara hoje passado, o válido, o legal, o limpo, seguirá para a repartição a que se destina; o outro documento, o avariado, o produto das arteirices do escrivão da câmara, êsse relégo-o com uma etiqueta cabalistica para o arquivo das recordações tristes de Aveiro que bem poucas são e, mesmo poucas, felizmente abafadas pelas muitas e penhorantes dedicações com que aqui me distinguem e a que eu correspondo o melhor que posso e sei.

—Mas...

—Mas, desculpe amigo, mais nada, que já fui além do meu proposito. Quem quizér e pudér que tire do facto a lição que êle encerra.

PELA IMPRENSA

Começáram a publicar-se ultimamente mais dois quinzenários, um no Porto com o titulo *A Troça* e outro na visinha freguezia das Aradas, dêste concelho, intitulado *Grito Social* por se dedicar á defêsa e propaganda désta causa.

Vida prospera lhes desejâmos.

= Entrou no 2.° ano de existencia o nosso coléga de Braga, *A Rotandade*, para quem nêste momento vão as felicitações a que tem direito pela brilhante fórma como tem desempenhado o seu papel na imprensa.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

JUSTIÇA RECTA

Uma sentença

que honra a magistratura portuguêsa, o juis que a proferiu e as instituições republicanas

Dissémos num dos ultimos numeros de *O Democrata* que haviam dado entrada na cadeia de Oliveira de Azemeis depois de em todas as instancias ter sido confirmada a sentença contra êles dada pelo integro presidente do tribunal daquéla comarca, sr. dr. Pereira Zagalo, os réus *Melro*, *Cancélas* e *Sarrilhas* acusados de o ano passado terem feito contrátos com vários mancebos para o seu livramento do serviço militar, o que nos deu ensejo a confrontos que não podiâmos deixar de fazer visto como aqui verberámos com suprêma veemencia as imoralidades que se vinham cometendo desde remotas éras, reveladoras em tudo da falta de escrupulos de alguns figurões em não olhar a meios para conseguir determinados fins, quer êles sejam representados por faltas de caracter, baixêsa de sentimentos, que por escuras negociatas, autenticos assaltos á bolsa alheia, eguaes aos que se vinham praticando á custa das maiores intrugices, que se punham em prática, mas que hão-de ter um fim para honra désta terra, que positivamente não é nenhum covil de gatunos.

Hoje queremos deixar estampado néstas colunas o honroso documento a que temos aludido, subscrito pelo integerrimo magistrado de quem já tivémos ocasião de traçar o perfil moral e que servirá, crêmol-o bem, nésta hora de ajuste de contas, para mais alguma coisa que não signifique só indignidade.

Eil-o:

Os RR. Manuel Vilarinho Novo, o *Melro*, casado, carpinteiro, da freguezia da Gafanha, concelho de Ilhavo, comarca de Aveiro, Manuel Joaquim da Silva Almeida, o *Cancélas*, casado, lavrador, do logar do Serro, freguezia de Ul, désta comarca de Oliveira de Azemeis e Antonio da Silva Rezende, o *Sarrilhas*, solteiro, lavrador, do logar de Morgado, freguezia do Souto, da comarca da Feira, são acusados, todos tres, como autores do crime constante da queixa de fls. 87 e 88 e do despacho de pronunciade fls. 89 e 90 e que é previsto e punivel pelo artigo 452, §2.° do Codigo Penal.

Os RR. defendem-se pela fórma constante da acta confessando o R. *Melro*, na sua defêsa, os factos que lhe são imputados.

Provou-se plenamente que o primeiro R. *Melro* praticou os factos de que é acusado e que êle os confessou. Provou-se ainda o seu bom comportamento anterior, que é ignorante e analfabéto, **que tinha imperfeito conhecimento do mal do crime e que êste não chegou a produzir dano.**

Provou-se que os RR. *Cancélas* e *Sarrilhas* não fôram autores dêsse crime, mas sim cumplices pois que, dando informações, solicitando mancebos e suas familias e sob a direcção do primeiro R., concorreram directamente para facilitar e preparar a execução do crime que bem podia ter sido cometido pelo primeiro R. sem aquêle concurso dos segundo e terceiro RR.

Provou-se tambem que os réus *Cancélas* e *Sarrilhas* tinham imperfeito conhecimento do mal do crime e que **não chegou a produzir dano.**

Provou-se ainda o bem comportamento do R. *Sarrilhas* e que contra o R. *Cancélas* ha a circunstancia agravante da sucessão de crimes, fls. 126.

Não se provou as restantes circunstancias atenuantes alegadas por todos os RR.

Não ha a menor duvida que os factos praticados pelo R. *Melro* **são criminosos** pois clara e evidentemente indicam e compreendem que êle, **invocando falso crédito e influencia sua** para com algum, ou alguns, dos membros da Junta de Inspecção Sanitária nêste concelho e no corrente ano, membros que pelas funções que desempenhavam são considerádos empregados públicos nos termos e para os efeitos do artigo 327 do Codigo Penal, **aceitou promessa de dinheiro por parte de alguns mancebos que tinham de ser examinados ou de pessoas de familia de êles, e com o pretexto de remunerar algum ou alguns dêsses membros da Junta.**

Assim, julgo a acusação procedente e provada e tendo em vista o disposto nos artigos 452 § 2.°, 34, n.° 33.° (sucessão de crimes), 39 n.^{os} 1.°, 6.°, 9.° e 23.°, 94, 98 e 22, n.° 2.° do Codigo Penal, condéno o R. Manuel Vilarinho Novo, o *Melro*, em **16 mezes de prisão correccional e em 8 mezes de multa a 100 reis por dia;** o R. Manuel Joaquim da Silva Almeida, o *Cancélas*, em **4 mezes de prisão correccional e em 60 dias de multa a 100 reis por dia** e o R. Antonio da Silva Rezende, o *Sarrilhas*, em **3 mezes de prisão correccional e 5 dias de multa a 100 reis por dia,** e, para todos os réus, além da prisão preventiva já referida. Mais condéno os tres RR., solidáriamente, nas custas e selos dêste processo. Registe-se.

Oliveira de Azemeis, 26 de Novembro de 1912.

O juiz, **Zagalo**

PARA ONDE CAMINHAMOS?

—=(*)=—

Com espanto deparou-se-nos no *Rebate*, a ultima semana, esta correspondencia para êle désta cidade enviada:

AVEIRO, 13—Temos visto com agrado a maneira como o *Rebate* está tratando as questões tendentes a sanear o Partido Republicano Português. E' com razão que nêle se afirma que estâmos numa monarquia pura. Por toda a parte os verdadeiros republicanos que desde longa data se sacrificáram pela Republica, são calcados e espesinhados pelas hordas franquistas e reaccionárias que, pela mão de falsos republicanos, se introduziram no seio do Partido Republicano Português. Não é só no ministério das colonias que êles põem e dispõem dos selos do Estado: é em todos os ministérios que os ha prontos a contrariar a obra do renascimento da Patria. Assim, por exemplo: ha poucos dias nós, os republicanos de sempre, fômos surpreendidos com a nomeação do cidadão Alfredo da Cruz Nordeste para sub-delegado do procurador da Republica nésta comarca. Este cavalheiro, que ainda não está formado, não só é um inimigo figadal das instituições, mas um reaccionário implacavel que por todos os meios ataca cerradamente as leis da Republica, estando descaradamente ao serviço da clericalha desenfreada. E' um dos mais ferrenhos defensores dos celebres padre Gil, ex-prior de Esgueira, padre Pato, das Aradas, prior da Oliveirinha, etc. Apesar disso, o sr. ministro da justiça, a pedido de alguem que quer pôr as costas no seguro para a breve restauração, segundo êles dizem, gratifica o cidadão fazendo-o funccionário da Republica. Dizia Alexandre Herculano, tomado de desalento, *que isto dá vontade de morrer*.

Pois nós, apesar de velhos já nas lutas pelos principios, temos vontade de ir ao Terreiro do Paço e correr a cavalo marinho...

Continuem os donos disto a proceder como tem procedido que o resultado hade vêr-se. Mas estâmos cértos que a intervenção dos verdadeiros republicanos hade acabar por sanear isto ainda que seja a ferro em brazas.»

E o mau é se não. A Republica só tem beneficiado até hoje, na sua grande maioria, os que lhe puzéram entraves e retardaram a sua implantação. Esses é que teem sido uns felizões. Cinicos, porque perderam de toda a vergonha, com um deslavamento que chega a atingir por vezes porporções de malandrice, é vêl-os espojar-se em salamaleques ao regimen, feitos prosélitos da Democracia, quando no fundo o que ha é uma grande dose de sabugismo a servir de esteio a todas as conveniencias e pretenções dêsses falsos republicanos, que nós detestâmos exatamente por serem exploradores e só da exploração viverem quando não do crime e das imoralidades que sempre fôram o seu apanágio.

Não olhem para isto os que teem obrigação de o fazer e depois queixem-se...

Em Angeja

A inauguração dum centro escolar republicano festejada com grande entusiasmo

Como haviamos noticiádo, efectuou-se no dia 14 na visinha e ridente povoação do concelho de Albergaria-a-Velha, a inauguração do *Centro Escolar Republicano Democratico* em que alguns dos nossos mais dedicados correligionários andavam empenhados de ha muito, conseguindo, finalmente, tornar realidade os seus esforços após a remoção das ultimas dificuldades.

Do que ali se passou não podemos dar circunstanciada noticia pela falta de espaço com que ainda hoje lutâmos. No entretanto cumpre-nos desde já acentuar que a direcção da prestante colectividade, composta dos cidadãos José Pereira da Silva, presidente; João Pereira Serrano, secretário; Antonio Valente Santos, tesoureiro; Antonio Rodrigues Castanheira e Antonio Nunes Nogueira, vogaes, se esmerou em proporcionar ao povo angejense uma brilhante festa democratica como poucas se teem feito nas nossas circunvisinhanças.

A séde do novo centro é situada na Várzea 5 de Outubro, que se achava decorada com inumeros mastros de bandeiras e verdura numa disposição festiva que se harmonisava com o jubilo de que a maioria dos habitantes se sentia possuida.

A's 6 horas efectuou-se uma alvorada queimando-se 21 morteiros e tocando a filarmonica *Angejense* o hino nacional. A's 12 horas formaram na séde do novo centro 30 creanças escolhidas entre as mais pobres da freguezia ás quais os membros da direcção distribuiram peças de vestuario. Este numero do programa inaugural foi altamente louvavel pela sua expressão caritativa, provando que a nova agremiação não tem apenas os intuitos inerentes ao seu titulo, mas tambem os da filantropia, na sua modalidade mais encantadora: a protecção á infancia. Pelas 13 horas e meia iniciou-se a sessão solène da inauguração, na séde, que se encontrava engalanada com heras e flores, predominando as de tons vermelhos. Na rua, em frente do edificio, posta-se a filarmonica rodeada de muito povo, a qual executa a *Portugueza*, ao mesmo tempo que estralejam ruidosamente girandolas de foguetes.

O sr. João Pereira Serrano, juiz de paz da freguezia e antigo republicano, declara como secretário da direção que o presidente, sr. José Pereira da Silva, se encontra ausente por motivo de doença. Indica depois, de entre as individualidades politicas presentes, o sr. dr. Alberto Vidal, digno governador civil do distrito, o qual, saudádo entusiasticamente pela assistencia que enche literalmente a sala, convida para o secretariarem os srs. João Pereira Serrano e dr. Joaquim de Mélo Freitas. Faz-se depois a leitura da correspondencia, composta de telegramas de efusiva felicitação dos srs. Ricardo Covões, Marques de Oliveira, José Antunes Moreira, José Ferreira Souto, Eduardo Santos e João Santos e cartas de calorosa saudação de Arnaldo Ribeiro, redactor do *Democrata*, e de Francisco da Silva Matos. O presidente convida o sr. Pereira Serrano a inaugurar a bandeira verde-rubra do Centro, oferecida pela delegacia de Lisboa. A cerimonia é acompanhada festivamente do hino, pela filarmonica, de muitos vivas á Republica e calorosas salvas de palmas. Em seguida descerram-se tres retratos que se encontram nas paredes da sala, cobertos com pavilhões nacionais: do sr. presidente da Republica, do sr. dr. Afonso Costa e dr. Rodrigo Rodrigues, que foi governador do distrito. O acto é de intenso entusiasmo republicano, demonstrando a assembleia o mais acrisolado amor a cada um dos homenageados.

Iniciam-se seguidamente os discursos, de que apenas podemos dar bréves resumos. O sr. Adelino Bastos exprime o jubilo que o invade por vêr que se consegue fundar em Angeja, a sua naturalidade, um baluarte do Partido Republicano. E foi pela tenacidade de alguns angejenses que éssa empreza se pôde realizar. Termina lamentando não ter dotes oratorios para falar dos altos meritos do sr. presidente do ministerio, a quem ergue um viva que é delirantemente correspondido. Segue-se o sr. Elisio Feio, representante do Centro Republicano Português em Esgueira, que diz ter sempre muito prazer em colaborar em festas como aquéla. Trata-se de mais um centro republicano e estes centros são nucleos de bôa educação politica e de reacção contra os degenerados portuguêses que ainda não desarmaram, na fronteira, contra a Patria. Refere-se depois á ideia de Patria, dizendo que déla é hoje uma sintese perfeita a Republica. Saúda, por fim, o centro inaugurado, em nome dos republicanos de Esgueira. O sr. dr. Marques da Costa, ilustre deputado, num discurso extenso e brilhante, diz que a criação dos centros democraticos é o lançamento de pedras que vão, pouco a pouco, fortalecendo o edificio da Republica. A obra do govêrno, tão malsinada pelos adversarios, é já, a tres anos de regimen, caracterizada por efectivos beneficios para o país. Exalça, a proposito, as leis da Separação, o principal esteio da Republica e a do recrutamento militar, que veio moralizar a fórma como os mancebos ricos, em detrimento dos pobres, *pagavam* o tributo á defêsa da Patria. O sr. dr. Joaquim de Mélo Freitas, antigo republicano e fino espirito de humorista, produz, numa *charge* engraçadissima, a analise dos reis das dinastias portuguêsas, salientando os vicios, as pechas e as más hereditariedades que os tornavam criaturas anormais e imperfeitissimas.

O nosso correligionario Raimundo Alves, vindo expressamente de Lisboa tomar parte no acto, a convite da direcção do Centro, produz um caloroso discurso, palpitante de fé democratica, em que põe em paralelo todos os vicios e perversões do regimen deposto com os muitos progressos sociaes que a Republica soube já realizar em Portugal. Numa soberba a sugestiva *boutade* ataca por fim o clericalismo, fazendo o elogio da lei da Separação, que o fulminou. O sr. dr. Alberto Vidal, como presidente diz ter de encerrar a sessão. Oferece-se perfilhar as ideias que acabaram de ser expendidas pelos oradores antecedentes. Pede a todos os assistentes que as fixem, que as assimilem e as comuniquem depois, numa propaganda tenaz, persistente, propicia ao desenvolvimento do regimen. Diz que uma délas—a da Separação, que é, com efeito, a base juridica da obra republicana—veio estabelecer em Portugal a liberdade religiosa. Por isso nem aquêles que ainda fôrem católicos a pódem guerrear, porque sob a sua égide, poderão manter a sua crença. O que não poderão é auxiliar os torvos anseios do clericalismo que a emancipadora lei veiu justamente aniquilar. Faz depois um caloroso louvor das leis do recrutamento militar e predial e termina frizando a importancia do progresso financeiro da Republica que só um grande estadista conseguiu realizar: o dr. Afonso Costa. Então uma avalanche de vivas ao prestigioso estadista se desencadeia, de envolta com outros á Republica, ao Centro de Angeja, etc. Saindo da séde, a assistencia mistura-se com a enorme multidão que se encontra cá fóra e todos se dirigem, acompanhados da filarmonica, para as margens do Vouga, onde é servido um magnifico lanche ás 30 crianças contempladas com o vestuario.

Ao mesmo tempo, em casa do rico proprietario sr. Manuel Pereira da Silva, a direção do Centro oferece um delicado copo de agua aos drs. Alberto Vidal, Joaquim de Mélo Freitas, Marques da Costa e José de Lemos, administrador do concelho de Albergaria; e Raimundo Alves, Santos Vieira, redactor do *Mundo*, Adelino da Silva Bastos, Elisio Feio, Francisco Eça, Antonio da Silva, João Gorjão, João Aires, Venancio Matos, Camilo Rodrigues e outros. Ao *champagne* erguem-se efusivos brindes ao sr. Manuel Pereira da Silva e sua familia, aos republicanos de Angeja, ao novo centro, aos drs. Alberto Vidal e Marques da Costa, ao *Mundo* e seu representante, ao dr. Afonso Costa, á Republica, etc. Mais tarde, pelas 18 horas, deu-se principio á *kermesse* cujo produto reverte a favor dos pobres, a qual se efectuou na praça da Republica, sita um pouco acima da séde do centro, e onde se via uma bela ornamentação e um coreto, além da barraca da tombola. Pela noite a fachada do centro foi iluminada e todo o local foi muito concorrido de habitantes dos arredores.

E assim terminou a béla festa de gratas recordações em que o *Democrata* foi representado pelo digno secretário do Centro, sr. João Pereira Serrano.

FESTAS NA COSTA NOVA

—=(*)=—

Se o tempo o permitir realisam-se ámanhã e depois, com desusado brilhantismo, as tradicionaes festas da Senhora da Saude da Costa Nova, que este ano estão a cargo dum grupo de bainhistas de bom gosto e pouco dados a preconceitos religiosos.

Haverá iluminações, fogo, musica e uma regata além doutros numeros que não fazem parte do programa por constituirem verdadeiras surprêsas.

A regata déve efectuar-se pela seguinte ordem ás 14 horas de domingo:

1.ª Corrida

Ceater-boards

A véla—Duas voltas ao triangulo.

2.ª Corrida

Pair-oars

Orion. Timoneiro, Antenor Matos; vóga, Artur Razoilo; prôa, Aurelio Costa.

Syrius. Timoneiro, Maximo Junior; vóga, José Cardoso; prôa, Firmino Picado.

3.ª Corrida

Bateiras

Tricana. Patrão, Joaquim Paulo; remador, Artur Cunha; 2.º remador, N. N.

Ligeira. Patrão, Antonio Madail; remador, João Pedro; 2.º remador, Carlos Dubini.

Flor da praia. Patrão, Mario Mélo; remador, E. Craveiro; 2.º remador, João Vitorino.

Velho Portugal. Patrão, Manuel Craveiro; remador, Venceslau Pinto; 2.º remador, Victor Graça.

4.ª Corrida

Randans

Brizéla. Timoneiro, D. Maria Izabel de Noronha; vóga, José Guerra; prôa, José Taveira.

Cértoma. Timoneiro, D Maria do Céu Santos; vóga, A. Sacramento; prôa, M. Sacramento.

5.ª Corrida

Bateiras

Bairrada. Timoneiro, Gonçalves Vilão; 1.º remador, Carlos Magano; 2.º remador, R. Sacramento.

Transantlantico. Timoneiro, Beijamim Rocha; 1.º remador, Eduardo Rocha; 2.º remador, Antonio Razoilo.

6.ª Corrida

Caçadeiras

Silvia. Timoneiro, D. Arturia Razoilo; vóga, D. Silvia Tavares; prôa, D. Prazeres Vieira.

Violêta. Timoneiro, D. Josefa Guerra; vóga, D. Maria J. Vieira; prôa, D. Maria C. Vieira.

7.ª Corrida

Moliceiros

Bota prá bateira. Mestre, Antonio Felizardo; varas, José Guerra, Antonio Razoilo, Manuel Craveiro, Venceslau Pinto.

Francez di as notas. Mestre, Joaquim Paulo; varas, Artur Razoilo, Carlos Magano, J. Pedro, José Teixeira.

8.ª Corrida

Ida e volta—Barcos do alto

Arréda que te espéto. Mestre, Arnaldo Ribeiro. Manuel Sacramento, J. Guerra, Maximo Junior, Manuel Craveiro, Venceslau Pinto, José Taveira, Baeta Neves, Joaquim Paulo, Antonio Razoilo, José Teixeira, Artur Cunha.

Bai de roda livre. Mestre, Carlos Marnôto. E. Rocha, Manuel Victorino, Artur Sacramento, Remigio Sacramento, João Pedro, Eduardo Ançã, Eduardo Craveiro, João Victorino, Carlos Magano, Virgilio Almeida, V. Graça.

Juri

Presidente -Silverio da Rocha e Cunha, capitão do porto; *Vogaes*—dr. Simão José, José Vaz, Urbano Sucena e Antonio Victor. *Juiz de Partida*—José Sacramento;—*Juiz de Chegada*—dr. Samuel Maia.

As tripulações deverão apresentar-se ao juri, pelas 2 horas da tarde, devidamente preparadas e prontas para a corrida.

NOTAS DA CARTEIRA

Chegou a Aveiro e partiu de caminho para a Costa Nova com sua familia, o sr. David Bernardo, digno chefe da estação do caminho de ferro de Alfarélos, que ali conta permanecer por alguns dias.

=De passagem, esteve nésta cidade o nosso amigo e velho republicano, sr. Manuel Nunes Ferreira, da Quintã do Loureiro, a quem muito agradecemos a amabilidade da sua visita.

=Ficou registado ha dias na Conservatória do Registo Civil o consorcio do sr. Antonio Marques da Silva Junior com Elisa Marques de Oliveira e Silva, natural de Taboeira.

Testemunharam o acto o sr. Manuel Ferreira de Carvalho e Emilia Marques de Oliveira na presença de bastantes convidados entre os quais se via o sr. Pedro Marques da Silva, da Azurva, irmão do noivo.

Muitas felicidades.

Expediente

Aos nossos assinantes a quem pelo correio estâmos enviando os recibos do Democrata vencidos ou prestes a vencerem-se, rogâmos o obsequio de os satisfazerem assim que para isso recebam aviso pois o contrário não só nos acarreta enormes despêsas como ainda nos faz multiplicar o trabalho fatigante da administração o que muito bem os nossos amigos, querendo, pódem evitar.

Para a **Africa** *e* **Brazil** *não fazemos cobrança, excé ção do* **Pará** *e* **Manaus** *onde temos como agentes, respectivamente, os nossos compatriotas J. J. Nunes da Silva e João Simões Amaro Junior que nos teem obsequiado em tudo quanto diz respeito ao jornal naquélas terras onde ha anos residem. Esperâmos, por isso, da comprovada honestidade dos assinantes das outras localidades o envio das importancias correspondentes ás suas assinaturas pela via que melhor lhes conviér e esteja ao seu alcance, o que antecipadamente agradecêmos reconhecidos.*

Necrología

Colhe-nos inesperada e dolorosamente a triste noticia que nos comunica o prematuro falecimento da esposa do ex-chefe dos correios e telegrafos dêste distrito, sr. José de Ataide. Desaparece a desventurada senhora na flor da vida sucumbindo aos estragos duma febre puerperal que se seguiu a um parto laborioso.

Deixa três filhos estremecidos, na orfandade, debatendo-se na intensidade da sua dôr o amargurado viuvo, a quem apresentâmos a intima expressão do nosso sincéro pezar.

= Vitimado por uma lesão cardiaca que ultimamente vinha agravando os antigos achaques que o pezo dos seus 77 anos mais avolumava, faleceu na passada quarta-feira o simpatico e popular velhinho Antonio de Souza.

Descendente de nobre estirpe, porquanto se dizia filho do falecido visconde de Aguieira, morreu numa enxerga do hospital visto que a acção de investigação de paternidade posta em juizo, não foi reconhecida pelos tribunaes competentes.

Foi um dos membros mais entusiastas e dedicados da comissão do monumento a José Estevam Coelho de Magalhães.

Apezar das maiores vicissitudes e provações a que foi submetido durante os amargos e ultimos anos da sua vida, reduzido com a perda da questão intentada á mais esmagadora miseria, Antonio de Souza jámais se afastou do rigoroso caminho da honra e da dignidade. Como verdadeiro homem de bem não levou para a sepultura a responsabilidade do mais leve acto injusto ou indigno.

Aos seus, os nossos sentimentos.

Viagens baratas

—=—

O nosso coléga de Lisboa, a *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, têve uma ideia original para dar um brinde aos seus assinantes, ideia que não foi copiada de nenhum jornal do país ou fóra dêle, e que só aquéla revista (que já conta 26 anos de existencia) póde pôr em pratica, pelas suas relações com os caminhos de ferro.

Todos sabem que não ha, entre nós, bilhetes circulatorios de itinerario fixo que o publico possa tomar no dia da partida, sem demoras nem lucubrações para escolher o trajecto que lhe convem.

A *Gazeta* creou, unicamente para os seus assinantes, tanto os antigos como os novos que se inscrevam agora, nada menos de 12 sortes diferentes de bilhetes circulares, que, por preços cuja redução vae de 25 até 40 %, lhes facultam percorrer os principaes pontos do país, ou mesmo todo o país.

O assinante não tem mais que escolher o trajéto que mais lhe convem entre os traçados que a *Gazeta* publicou no seu numero de 1 do corrente, e que figuram em prospétos espalhados por todo o país; e sendo de fóra de Lisboa, requisita da redacção quantos bilhetes deseje para si, senhoras ou menores de sua familia, e ainda, os comerciantes, para os seus socios ou caixeiros-viajantes. Enviando o importe recebe os bilhetes, na volta do correio, registados.

Estes bilhetes servem desde qualquer estação do trajéto, e ao regresso até éssa estação, sem aumento de preço.

Outra originalidade que já existe com este jornal ha anos, é êle poder ser lido em todas as estações de caminhos de ferro, cujos chefes não pódem negar-se a facultal-o para esse fim, conforme instruções que teem das suas direcções.

A *Gazeta* conta já entre os seus subscritores grande numero de comerciantes pelas vantagens que lhes oferece, distribuindo-lhes e explicando todas as tarifas especiaes de transporte, imparciaes boletins financeiros e outros artigos de verdadeira utilidade.

A redacção é na Rua Nova da Trindade, 48. Lisboa.

Comunicados

—=((*))=—

Ao meu presado amigo Celestino Batista da Silva, dig.mo 1.º sargento em infanteria 24

Meu caro amigo:

Era-me absolutamente impossivel ficar em pleno silencio, sem que por intermedio de O Democrata, o intemerato orgão da Luz e da Verdade, te enviasse um afectuoso abraço de amigo intimo, amigo do inolvidavel e saudoso tempo de infancia, pelo teu aniversario natalicio, por éssas 28 primaveras, que representam, sem duvida, 28 anos de rosas, e que as has-de completar em 21 do presente mês de agosto.

Ao relancear a vista sobre estas singelas, modestas e sincéras palavras, meu amigo, já éssa data tem passado sobre o teu nobre semblante, beijando-te, como que mãe carinhosa que tem a dita de beijar um filho querido, amavel e bom.

Aceita, pois, bom amigo um abraço saudoso, em espirito, já que pessoalmente nêste momento te não póde abraçar este que só faz votos para que o dia 21 se repita por muitos mais anos, e que, no seio dos que te são caros, os passes sempre no meio das maiores alegrias, felicidades e venturas.

Africa, Congo Belga, 2 de Agosto de 1913.

João Simões do Pinho

Virgilio Souto Ratola, casado, negociante, de Mamodeiro, declara para todos os efeitos que retomou a direcção do seu estabelecimento e avisa todas as pessoas honéstas de que não devem transacionar sobre 4 letras de 500 escudos, e 2 de 100 escudos, cada uma, que lhe fôram extorquidas ao jogo por Joaquim da Rocha, o Manêta, das Quintans, e José Maria Lima, dono de uma casa de pasto, atualmente na Costa Nova.

O declarante, por isso que não conseguiu das autoridades administrativas a punição daquêles dois individuos que, abusando da sua bôa fé e levando-o ao engano, lhe fizéram aceitar aquélas ditas letras, aguarda que élas venham a juizo para aí defender os seus direitos.

Déssas letras uma unica estava cheia pelo declarante, e a vencer-se num dos dias de Setembro a seguir a 15. Essa é de 500 escudos.

O declarante pede a todos os seus crédores de sinceridade o favor de virem liquidar a sua situação.

Mamodeiro, 16 de Setembro de 1913.

Virgilio S. Ratola

O regimento de Infateria n.º 24 na sua escola de repetição

Bréves apontamentos tirados do canhenho dum curioso

Dia 15

A's 9 horas, as bandas de corneteiros tocam a formar companhias, nos quarteis de Sá e do Asilo.

Os mil homens, que vão enfileirar no Regimento, correm açodados aos locaes de formatura das suas companhias, oferecendo o aspecto dum formigueiro em alvoroço. Sobraçando saquiteis e empunhando as cadernetas, êles aí vão, honrados na farda que os uniformisa, de ar prasenteiro, conscios do dever que os chama, trocar, por sete dias, a liberdade que gosavam nas aldeias, pelo rigôr da disciplina, que vitalisa os exercitos.

Faz-se a chamada e quasi ninguem falta: talvez um por cento!

Duas horas depois, por companhias, todos estão debaixo de fórma, fardados, equipados e armados, a recapitular as escolas de soldado e de secção e o manejo de arma.

A's 12 horas seria impossivel, aos proprios do *métier*, distinguir os licenciados dos do quadro permanente, pela inspecção dos movimentos, tão igual era a correcção de uns e dos outros.

Nuvens negras toldam a abóbada celéste e despejam de quando em quando pesádos aguaceiros, como que a desafiar-nos a retardar a marcha.

São olhados com indiferença!...

A's 14 horas, o 1.º Batalhão, já mobilisado e postes no quartel de Sá, demora um pouco a partida, porque a paráda se encontra pejáda com tropas de cavalaria n.º 7 que tambem e ao mesmo tempo, mobilisa ali.

São 15 horas. O 1.º Batalhão, formado em *linha de colunas*, á vós do seu comandante, sr. major Paulo do Quental, *desfila para a frente* em coluna de marcha, com as bandas de musica e de corneteiros, indo postar-se, ás 15, 15, em *linha desenvolvida*, de costas para o quartel do Asilo e com a esquerda apoiada na porta principal dêste.

Chovendo torrencialmente desde a sua passagem pelo chafariz do Gravito, completamente ensopado, sem desfalecimento ou sequér hesitação de queixume dum só homem, o 1.º Batalhão conserva-se a pé firme *até ás 15 e 50 minutos*, aguardando que o 2.º Batalhão fórme na sua frente e que o sr. tenente coronel Verissimo de Sousa assuma o comando do regimento e mande este prestar á Bandeira as honras devidas para então começar a marcha itenerária para a Costa do Valado, onde, quasi enxutos, acantonámos ás 17, 30.

A primeira companhia que aqui distribue a 3.ª refeição, fal-o ás 20 horas; a ultima fal-o ás 23.

Os oficiaes, em numero de 31, comem a 3.ª refeição em casa dos srs. Dias e dr. Abilio Marques, ás 22 horas.

A'parte a chuva indemente, a demora junto ao Asilo e as diabruras do fogoso cavalo do activo ajudante do 2.º Batalhão, que derruba um tenente e dois paisanos, mais nenhum facto digno de nota ocorre nésta primeira *étape*.

Dia 16

Sucessivos e fortes aguaceiros se seguem á alvorada, que tem logar ás 6 horas.

Depois dos toques e formaturas diarios, ás 7, 35 todas as companhias fazem uma recapitulação do manejo de fogo.

A's 9, 25 o tenente Simões com dois 2.os sargentos, um cabo e 26 soldados, marcha da Costa do Valado, afim de ir figurar forças inimigas, junto á estrada, entre Silveiro e Oliveira de Bairro.

A's 10 horas o regimento levanta o estacionamento na Costa do Valado e ségue, com segurança, para S. em direcção a Oliveira do Bairro.

A's 14, 30, as forças inimigas postadas a N. junto a O. de Bairro, rompem fogo contra as avançadas do regimento.

Duas companhias dêste, sob o comando do sr. capitão Strecht de Vasconcélos, desenvolvem e repelem o inimigo pelas 15, 15.

Copiosa e fria chuva encharca os soldados, sendo admiravel a prova de desciplina observada nos que entram em combate, pois que muitos dêles, em observação, tem junto a si portas escancaradas, que os convidam a entrar e paisanos ignorantes, mas caritativos, que lhes oferecem guarda-chuvas, o que tudo êles despresam com ar de riso, sem esquecerem o porte e o dever militar.

O sr. comandante da Divisão assiste ao desenrolar do combate, retirando findo êste, para Coimbra, bem impressionado.

O sr. ministro da Guerra, chegou precisamente no momento em que o combate termina, pois, segundo ouvi, perdeu algum tempo em caminho trocádo, quando vinha assistir a êste.

Informado da maneira brilhante como tudo correu, felicita calorosamente os comandantes das forças, que se defrontaram no exercicio, retirando-se para N. depois de uns 50 minutos de conversa, sobre coisas militares, com os oficiaes presentes.

17 horas. O regimento vae formar na Avenida Candido dos Reis e presta ali as honras á Bandeira, que recolhe ao alojamento do comandante.

A companhia do sr. capitão do Estado Maior, Genigo, vai postar-se em postos avançados a S. de O. de Bairro, sendo ali vitima de nova e intensa carga de agua.

O resto da coluna acantona.

Cabos da policia civil local, de enferrojadas escopêtas em bandoleira, provoca reparos e dão aso a infames especulações de alguns *bons portuguêses*, vizinhos da ponte do Pâno. Assim, disse-se, e eu ouvi, que taes cabos receberam *ordem* do governador civil para espingardearem os minhotos, que fossem ás vinhas! Houve quem acreditasse ou fizésse acreditar e divulgasse a historia, cértamente para indispôr a tropa e o povo; mas ouve tambem quem, como eu, protestasse indignado contra tal explicação, que além de inverosimel era infame.

Afinal, um amigo, informado devidamente, explicou-me o caso da seguinte maneira, que é inteiramente oposta ao que diziam os taes *meninos*:

O sr. governador civil oficiou ás autoridades, solicitando-lhes todas as facilidades para o regimento; por sua vez, o sr. administrador de O. de Bairro mandou que os cabos de policia vigiassem as vinhas para impedir que fosse alguem fazer prejuizo n'élas e depois se lançassem culpas indevidas aos militares.

Se não fôra o venêno que transborda da primeira explicação, diriamos compadecido, referindo-nos aos seus autores e propagandistas: Pobres diabos!... Perante a realidade da má fé, dirêmos: árre, malandros!...

Dia 17

O sr. capitão Strecht de Vasconcélos sái, ás 9 horas para S. com a sua companhia para ocupar o Crasto (Anadia) e ali figura o inimigo.

A's 10 horas, debaixo de chuva, as restantes sete companhias marcham dos locaes de formatura para a faxáda do regimento (Avenida Candido dos Reis), onde recebem a bandeira, desenvolvidas em linha, com a frente para O.

Depois o regimento recomeça a marcha para S. com serviço de segurança, tendo por objetivo Vila Nova de Monsarros, com passagem por Famalicão e Anadia.

A's 11, 45, findo um alto horario, em que os soldados começam a comer a 2.ª refeição, as duas 1.as companhias do 1.º Batalhão, que marcham em guarda avançada do regimento, interrompem o almoço e, debaixo de chuva, avançam a ocupar posições de combate, afim de desalojor o inimigo do Alto do Crasto, o qual nésse momento rompe fogo.

Travado o combate, o inimigo, repelido ás 12, 8, continua o regimento, com segurança, a sua marcha para S. por Anadia, onde passa a flecha ás 12, 20.

A's 13, 55 a guarda avançada faz alto em Monsarros, para os seus oficiaes comerem a 2.ª refeição e as praças acabarem de comer a délas.

A's 14 horas ouve-se da flecha o estralejar de foguetes que ao principio parece tiroteio do inimigo contra o grosso da coluna; mas que rápidamente, estabelecido contacto com a retaguarda inimiga, se sabe ser manifestação publica á passagem do grosso da coluna pelo coração de Anadia.

A's 14, 10 a flecha vae-se movendo para Vila Nova de Monsarros, que avista ás 15 horas.

Em seguida a 1.ª companhia do 1.º Batalhão, que marcha na guarda avançada, deixa a estrada de marcha e trepando encostas de rapido declive, vae desenvolver para combate nos montes a W. de Vila Nova e a cavaleiro da povoação.

A 2.ª companhia do 1.º Batalhão, que vem tambem na guarda avançada, começa a deslocar-se para a esquerda da direcção da marcha, para atacar Vila Nova pelo N.

A's 15,48, as companhias desenvolvidas recebem ordem para unir e concentrarem-se com o resto do regimento á entrada (NO) de Vila Nova de Monsarros, por ficar sem

efeito a ordem para o exercicio de combate.

A's 16,40, estendido o regimento em linha, frente ao S. ouve-se a *Portuguêsa* e o regimento apresenta armas, soando, cada vez mais forte, o rufar de tambores. E' a Bandeira que recolhe ao alojamento do comandante, com a banda dos corneteiros e uma companhia.

As tropas marcham a acantonar, em quanto as secções de quarteis começam a confecção da 3.ª refeição.

Pena foi que não se realisasse o combate em Vila Nova de Monsarros, pois êle resultaría belissimo, por muito se prestarem as posições dos dois partidos.

Enquanto os soldados comem a 2.ª refeição, proximo a Famalicão, chove torrencialmente, e êles, com o bom humôr, que os não deixa, riem e chacoteiam, ouvindo-se piádas como ésta: *Diabo!... ésta chuva não saíu á ordem!*

Dia 18

....

São 12 horas e ouve-se o tóque de *pôr correias*.

A's 12,40 faz-se o tóque—*reunião*.

Passados 10 minutos recebe-se a Bandeira, e ás 12,55 o regimento está em marcha de retirâda para Avelans de Cima, por Anadia, onde ensarilha armas e destroça ás 14,20.

Das 14,40 ás 15,20, por companhias, recapitula-se as escólas de companhia e de pelotão. Depois ha novo descanço, durante o qual os soldádos cantam em orfeon, primeiro os do 3.º Batalhão (Ovar) e depois todos os outros, com acompanhamento da banda.

Os anadienses mostram-se interessados por tudo quanto fazemos e voltam a festejar a nossa passagem com rijo foguetório.

São 15,50. As trópas equipam e rompem a marcha para Avelans de Cima, onde, depois dum alto, ás 16,50, o regimento é recebido festivamente.

A Bandeira e o 1.º Batalhão acantonam em Avelans de Cima; o 2.º Batalhão e as viaturas vão acantonar a 880 metros dali, na Senhora do Livramento, junto á estráda de marcha.

O pôvo de Avelans de Cima, onde se veem belos tipos de mulher, é o mais hospitaleiro e educádo, de quantos temos encontrádo. O sr. Manuel Tavares de Mélo, inteligente e activo filho désta terra, bem merece ser louvádo superiormente pela dedicação e sacrificio com que prestou serviços ao regimento.

Em Anadia apresentou-se o alferes miliciano, sr. dr. Alberto Ruela, que em 14 havia baixado ao hospital militar de Coimbra.

O tempo agora corre belo, sem chuva nem grande calôr, tendo o vento rondado ao N. pelas 18 horas do dia antecedente.

Dia 19

A's 9 horas ouve-se os cornetins a tocar a *formar companhias*.

Meia hora depois, recebida a Bandeira, o 1.º Batalhão marcha para a Mourisca, juntando-se-lhe na Senhora do Livramento o 2.º Batalhão e as viaturas. Avelans de Cima está em festa, ouvindo-se para lá foguetes a estralejar.

Pelas 10,15 atravessamos Avelans do Caminho, que nos saudou pomposamente, embandeirada a capricho, com as côres nacionais, vendo-se subir interminaveis foguetes.

Passámos ali de musica á frente, em marcha itineraria.

Para comer a 2.ª refeição, faz o regimento alto a 400 metros a NO. de Avelans do Caminho, ás 10,28.

Daqui recomeça a marcha em retirada, com o respectivo serviço de segurança, para a Mourisca, por Aguada de Baixo, Sardão, Agueda, tendo havido altos horarios em Aguada de Baixo e no Sardão.

O grosso da guarda da rectaguarda psssa na Borralha ás 14,30, notando-se pouco interesse da parte dos habitantes.

São 14,45 e ouvem-se bastantes foguetes em Agueda: é a coluna que começa a passar para lá.

A's 14,50, toda a coluna faz alto.

A's 15,30, a guarda da rectaguarda recebe ordem para se estabelecer em alto guardando a S. da Mourisca, enquanto duas companhias se estabelecem em postos avançados, a proteger o estacionamento.

Estabelecido este serviço, ás 17,20, a guarda da rectaguarda recebe ordem para recolher á Mourisca, onde acantona como o resto do regimento.

O tempo é agradavel, ainda que frio á sombra.

O pôvo mostra curiosidade, mas pouco entusiasmo.

E' o cidadão Antonio Simões, quem maiores serviços prestã ao regimento, desinteressadamente, na Mourisca.

Dia 20

A's 9 horas começa o desfile das viaturas e seguidamente marcha o regimento com guarda da rectaguarda, deixando na Mourisca a 1.ª e 2.ª companhias do 1.º Batalhão, que vão figurar o inimigo, que ha-de atacar o regimento nas passagens do Maruel e do Vouga.

A's 12 horas com serviço de segurança, em marcha para a frente, o partido inimigo começa a deslocar-se a simular o ataque ás posições do Maruel.

A's 12,25 ouvem-se os primeiros tiros, que se prolongam até ás 13,50, hora a que o inimigo é repelido e se ouve tocar a *cessar fôgo* e logo a seguir—*reunião*.

Todo o regimento se concentra na estrada, junto á Quinta (Serem—Augusto Gomes), onde a ultima companhia (1.ª do 1.º) chega ás 14,45.

A gosar o espectaculo do combate, estivéram os srs. dr. Mélo Freitas, seu filho e major Rodrigues.

O sr. dr. Marques da Costa e outros cavalheiros, de automovel, aparecem tambem em Serem, mas depois do combate.

A's 15,55, o regimento, em marcha iteneraria, ségue, por caminhos estreitos e máus, por Fróssos, Angeja, para Cacia, fazendo alto a testa da coluna, ás 17,15, nas Lavouras de Angeja.

A's 17,25 recomeça a marcha, sendo Fróssos atravessada pela coluna ás 17,32, cantando os soldados cheios de entusiasmo.

A's 18,15 faz-se novo alto, já no tunel de Angeja, junto a esta povoação.

O sol começa a esconder-se no horisonte ao passar o regimento na ponte de Angeja.

A's 19 horas, em Cacia, entra o regimenta no campo do bivaque, que é o mais contrario ás condições regulamentares que póde imaginar-se: terras lavradas de fresco, humidas, horisontais, desarvorisadas e sem agua proxima. E' já escuro e uma ponta de nortada ameaça derrubar as barracas.

O vento pássa, armam-se as tendas e pouco a pouco, ao longe, vão aparecendo aqui e ali, á mistura com as fogueiras das cosinhas.

Algumas familias de militares da coluna esperam-nos com os indigenas cacienses, em ares de festa, que a rigidez dos regulamentos militares não deixa expludir. E' tarde e deixa de haver comboios para Aveiro...

Isto não impede a permanencia de taes familias, na *zona neutra*, olhando os seus ou trocando com êles impressões.

Uns retiram depois, a pé, para Aveiro; outros como as familias Strecht de Vasconcélos, Figueira, Ferreira, Simões e Figueiredo, *acantonam* em Cacia, recorrendo á bondosa amabilidade e franca hospedagem das ilustres familias dali, sr. Nunes da Silva e Ferreira Peixinho.

A 3.ª refeição é distribuida tarde, tocando a primeira companhia ás 23 horas e a ultima ás 3,21. Ao rancho dos oficiaes tocou ás 24 horas. O ar é muito humido, ficando as tendas molhadas de orvalho, instantes após a sua construção.

Dia 21

A's 7,45, levantado o bivaque, ficam os batalhões em linha de colunas. A's 8 horas começa o desfile pelo 2.º Batalhão.

Perto dos cinco caminhos, concentram-se os batalhões e trens, fazendo ali o comandante uma critica ligeira do combate da vespera.

A's 8,25 começa a marcha iteneraria para Aveiro, a qual se interrompe ás 9,16, junto á passagem de nivel de Esgueira, á passagem do comboio correio Porto Lisboa.

A's 9,28, atravessada a cidade de Aveiro, qua tinha os habitantes na rua, forma o regimento junto ao quartel do Asilo, prestando as honras á Bandeira, findo o que o 1.º Batalhão recolhe a Sá com a banda de musica e o 2.º ao seu quartel. Segue-se a 2.ª refeição e a limpeza de todo o material.

A's 13 horas começa a revista e entrega de material, seguindo-se o licenciamento e o pagamento do *pret*.

São êstes os topicos da escola de repetição, agora acabada, que nenhuma nota desagradavel de pêso deixou a assinalar.

As faltas das praças, se as houve, fôram insignificantes e não merecem registo.

Porém, as bôas qualidades dos soldados, dévem, de justiça, mais uma vez registar-se: são, na quasi totalidade, inteligentes, dóceis, resistentes, sofredores, sabedores e disciplinados.

Xpa

Costa Nova

"O Democrata,, vende-se durante a época balnear na *Padaria Macedo*.

CORRESPONDENCIAS

Castélo de Paiva, 16

(Retardada)

Ha bastante tempo que não temos cumprido com os deveres de correspondente para não estarmos sempre a prégar no deserto como tem sucedido, e ainda por uma grande falta de saude.

Não vâmos noticiar nem mesmo relembrar o que se tem passado desde a implantação da Republica, á sombra da qual tantas injustiças se tem praticado.

Vâmos apenas lembrar ao digno chefe do distrito que recomende ao seu delegado que vigie o que se está passando com o estado dos generos e principalmente com os vinhos vendidos nas tabernas. Que providencias se teem tomado com uma grande porção de azeitona pôdre que veio do Porto pela praia do Castélo para ser feita em azeite no moinho de Vila Meã, freguezia de Souzêlo, concelho de Sinfães!

Nem outra coisa se esperava...

C.

Alquerubim, 12

(Retardada)

Ainda não foram pagos os ordenados dos mezes de julho e agosto findos aos professores que teem pendentes os procéssos da sua aposentação e que ha pouco foram declarados incapazes de exercer o magisterio. Esta suspensão de pagamentos representa uma grande injustiça, porque os professores teem contribuido para a caixa das aposentações, e dêsse dinheiro é que se lhes deve pagar. Ha dias apareceu a noticia de que tinham sido aposentados dois professores: uma professora de Lisboa, e um professor do concelho de Cantanhede. Felizes creaturas!! E' preciso ordenar estes pagamentos, porque, quando o professor pede a aposentação é porque não póde trabalhar, e é néstas condições que mais precisa receber regularmente os seus ordenados.

Pague-se-lhes, que se paga com o seu dinheiro, e despachem-se esses procéssos de aposentação que estão ha mais de 4 anos á espera de despacho. Na caixa das aposentações deve estar muito dinheiro, e não nos venham dizer que a monarquia *limpou tudo*. De 5 de outubro de 1910 até ésta data, tem entrado muito dinheiro na caixa das aposentações, e esse dinheiro só é dos professores e de mais ninguem. Justiça!

C.

Cacia, 16

(Retardada)

Constitue ainda assunto de acaloradas conversas e apreciações as brilhantes festas civicas realisadas na Quintã do Loureiro nos dias 6 e 7 do corrente mez. De facto nunca na fréguezia se realisaram festejos com tantos atrativos e que tanto divertissem o povo.

Dispensou-se a procissão que foi vantajosamente substituida por outros numeros mais interessantes e educativos sob o ponto de vista civico.

O povo ficou satisfeito como nunca e já lamenta que para o ano ninguem se atreva a encarregar-se das festas com os atrativos dêste ano. Pena é que assim aconteça pois a laicisação gradual das festas religiosas impõe-se a bem da libertação da consciencia humana.

= Por lapso deixámos de referir na ultima correspondencia os nomes dos cidadãos Francisco Joaquim Mendes, José Dias Fernandes e Manuel Gonçalves de Pinho como pertencentes á comissão das festas, o que agora fazemos pedindo desculpa da involuntaria omissão.

= Está-se desenvolvendo nésta freguezia uma verdadeira febre de construções. Algumas são verdadeiramente principescas obedecendo a regras arquitetonicas o que uma nova aura de bem estar e de bom gosto vae bafejando esta localidade. O tipo antigo da casa portuguêsa com alpendre, vestibulos e mirantes vae sendo reproduzido com mais ou menos felicidade produzindo um belo efeito de cenário arquitetonico.

Felicitâmos os nossos proprietarios por se afastarem da rotina e fazemos votos para que as suas construções constituam incentivo e modêlo para outros dos nossos conterraneos que se resolvam a fazer novas edificações.

C.

Recardães, 11

(Retardada)

De Famalicão (Anadia) viéram estar entre nós de visita a seus paes, desde quinta-feira, retirando no domingo, o nosso amigo sr. Manuel Fernandes Pinheiro e sua esposa D. Guilhermina Pinheiro.

= Da cidade de Aveiro, veio no domingo, retirando na segunda-feira, o nosso amigo sr. Francisco Porfirio da Silva, comerciante néssa cidade.

= Vimos aqui ha dias o sr. Alberto Marques, de Cabanões..

C.

Espinho, 23

Realisou-se nos dias 18 e 19 no teatro, *Aliança*, duas récitas de assinatura por a Companhia Infantil. No dia 18 subiu á cêna a *pequena viuva alegre*.

= A importante casa de bicicletas désta praia, Monteiro & Filho, promove no dia 28, uma corrida de bicicletas.

O percurso é: Espinho á Vila da Feira, volta por Arada e Esmoriz. Haverá cinco prémios a disputar, sendo duas medalhas e três objetos de valôr.

= Um grupo de socios da *Cruz Vermelha*, nésta praia, conta realisar brevemente uma *kermesse* em beneficio da mesma Associação e para crear aqui uma delegação.

= Encontra-se restabelecido da doença que o atacou, o gentil e simpático menino Luiz, filho diléto do capitalista désta vila, sr. Carlos Figueiredo.

= Retirou na passada segunda-feira para Cáceres, o sr. D. Antonio Pró e familia, de nacionalidade espanhola, que veio veranear para esta praia.

= Chegou do Porto, o sr. Francisco Maria Soares e familia.

= Tambem retira brevemente para Tondela, o sr. Antonio Ferreira Marques Junior, distinto fotografo.

= Retirou para Vizeu, o sr. dr. José Julio Cesar.

= A feira quinzenal correu animadissima.

C.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

SETEMBRO

DIAS	PHARMACIAS
28	LUZ

Ultramar

—=(*)=—

Aos nossos presados assinantes da Africa, Brazil, Congo, etc., a quem pelo correio nos dirigimos enviando-lhes nota dos seus débitos, roga a administração do *Democrata* a finêsa de os mandarem satisfazer pela via que melhor lhes convier cérta, como está, de que todos assim procederão atenta a sua comprovada honestidade.

E aceitem por isso o nosso antecipado reconhecimento